

BIBLIOTECA ESCOLAR E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO: DESAFIOS, TENSÕES E POSSIBILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL

SCHOOL LIBRARY AND LITERARY READER TRAINING: CHALLENGES, TENSIONS AND
POSSIBILITIES IN ELEMENTARY EDUCATION

Cleide de Araújo Campos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
emaildacleide6@gmail.com

Luciano Campos da Silva

Universidade Federal de Ouro Preto
lucianocampos@ufop.edu.br

Renata Junqueira de Souza

Universidade Federal de Ouro Preto
renata.lit.junqueira@gmail.com

RESUMO

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que analisou o uso das bibliotecas escolares para o letramento literário dos alunos de ensino fundamental em duas escolas da Rede Municipal de Educação da cidade Ouro Preto-MG. Partimos da hipótese de que a presença da biblioteca na escola configuraria mais um ambiente potencialmente favorável à formação do leitor. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito professoras das duas escolas, sendo duas delas professoras em readaptação funcional alocadas provisoriamente nas bibliotecas. Os resultados indicam a existência de uma nova concepção de biblioteca nas escolas investigadas, que assumem cada vez mais um caráter dinâmico, aberto e de formação literária e cultural dos estudantes.

Palavras-chave: Bibliotecas escolares - letramento literário — letramento

ABSTRACT

The article presents results from a study that analyzed the use of school libraries for literary literacy of elementary school students in two schools from the municipal education system in the city Ouro Preto, MG, Brazil. We start from the hypothesis that the presence of the library in the school would be another potentially favorable ambience for the reader development. We conducted semi-structured interviews with eight teachers from two schools, two of them are teachers on functional reassignment temporarily assigned to the libraries. The results show us the existence of a new conception of library in the schools investigated, which increasingly assume a dynamic, open, literary and cultural formative character for the students.

Keywords: School libraries; literary literacy; literacy.

Introdução

Não há dúvida de que um dos maiores desafios colocados atualmente à escola pública brasileira é garantir aos estudantes o domínio da leitura e da escrita, importantes competências e habilidades necessárias ao exercício da cidadania na contemporaneidade.

Porém, conforme dados do *Progress in International Reading Literacy Study* (Pirls, 2021)¹, estima-se que cerca de 40% dos estudantes brasileiros do 4º ano do ensino fundamental não dominam as habilidades básicas de leitura, apresentando dificuldades em recuperar e reproduzir parte da informação declarada no texto. Na maioria dos países analisados esse percentual não passa de 5%, como é o caso, por exemplo, da Irlanda (2%), da Finlândia (4%), da Inglaterra (3%), de Singapura (3%) e da Espanha (5%). Os dados ainda mostram que apenas 13% dos estudantes brasileiros podem ser considerados proficientes em compreensão leitora, ou seja, estão num nível alto ou avançado de proficiência. Para citar apenas dois países, na Espanha esse percentual atinge a marca de 36% e em Portugal 35%.

Em que pese a complexidade dos desafios que cercam a melhoria dos indicadores de leitura no Brasil, o incentivo permanente ao desenvolvimento do hábito de leitura e a inserção do aprendizado de estratégias de leitura na formação dos jovens leitores nas escolas têm sido considerados elementos fundamentais para superar esse estado de coisas. Incentivar os hábitos de leitura significa gerar condições e estímulos para que as crianças possam desde cedo inserir os livros como parte de suas vidas, desenvolvendo o gosto e o prazer de ler. Já as estratégias de leitura “são mecanismos individuais que o leitor desenvolve ao longo de sua vida, para obter uma informação por meio do ato de ler” (Autora, 2019, p. 4). Desenvolver essas habilidades é fundamental para que os leitores compreendam o que leem e reflitam sobre os processos que os levam ao entendimento de um texto. Essa é uma tarefa que exige uma preparação adequada dos professores que constituem os principais mediadores de leitura para as crianças.

Nessa perspectiva, formar o leitor, desde a tenra idade, não se resume a ensiná-lo a “codificar e decodificar símbolos”, mas envolve a compreensão da leitura e da escrita como práticas sociais. É nesse sentido que tem sido frequentemente evocado o conceito de letramento. Soares conceitua letramento como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura” (2006, p. 47). Dentre essas práticas de leitura e escrita merecem destaque aquelas que se referem aos textos literários. Daí a possibilidade de nos referirmos a um tipo de específico letramento: o letramento literário. O letramento literário tem sido definido como sendo o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler um texto, mas dele se apodera deixando a condição de simples expectador para a condição de leitor literário. Mais precisamente, ele diz respeito ao processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos (Paulino; Cosson, 2009, p. 67).

E é justamente nesse aspecto que reside um dos maiores problemas das nossas escolas: a maioria delas parecem não conseguir utilizar a capacidade que a literatura tem de incentivar o aluno a ser um leitor assíduo. A leitura literária quando empregada corretamente poderá se transformar no início de uma longa e prazerosa caminhada em outras leituras. É na escola que essa caminhada poderia tomar um rumo que reforce o letramento para que os alunos possam, entre outras coisas, se tornarem aptos a apreender o conteúdo de ensino e transformá-lo em competência linguística. Diversos autores têm indicado que o letramento literário deve ser feito a partir da construção do gosto do aluno pela literatura (Cosson, 2009; Soares, 2006). O aluno deveria se sentir próximo da literatura para que ela faça parte dele e o ajude a desenvolver suas capacidades de leitura e escrita.

1 Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pirls/resultados>. Acesso em: 10/01/2024.

Dentre as diversas possibilidades de se trabalhar com o letramento literário e desenvolver o gosto e o prazer pela leitura na escola, situam-se as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito das bibliotecas escolares. Para Motta, a biblioteca escolar é um local da instituição “que deve estar bem definida quanto à sua organização e funcionamento para que venha facilitar o ensino” (1999, p.21) e, é imprescindível, ser um lugar bem gerenciado, organizado e prazeroso. A biblioteca escolar é um local diferente dos outros espaços educativos da escola, pois promovem práticas de leituras, interação entre o aluno, professor e bibliotecário, vinculada a uma variada gama de informações e aprendizagens. Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que a presença da biblioteca na instituição escolar configurara mais um ambiente potencialmente favorável à formação do leitor e particularmente do leitor literário.

Nesse sentido, este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que buscou contribuir para o alargamento dos estudos sobre o letramento literário e usos de bibliotecas escolares em prol da formação do leitor literário. A pesquisa teve como objetivo geral identificar o uso das bibliotecas escolares para o letramento literário dos alunos de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação da cidade Ouro Preto-MG. Como objetivos específicos procurou-se: identificar e analisar práticas de letramento literário desenvolvidas em bibliotecas de escolas públicas do município; compreender como as profissionais responsáveis pelas bibliotecas escolares têm cumprido o papel de mediadoras de leitura literária na promoção do letramento literário; identificar e analisar práticas de letramento literário e outras práticas culturais desenvolvidas na e pelas bibliotecas escolares; avaliar em que medida as bibliotecas escolares do município têm sido organizadas como espaço de leitura literária e de promoção do letramento literário.

Bibliotecas escolares e letramento literário: uma breve discussão

Sabemos que a história das bibliotecas está relacionada à própria história da humanidade. À medida que o homem sentiu a necessidade de eternizar os acontecimentos buscou um suporte concreto para registrar as informações, documentá-las e guarda-las, nasciam aí as bibliotecas.

De acordo com Aguiar (1994), as primeiras bibliotecas eram consideradas um local de preservação da memória e do conhecimento. Sua importância se dava por armazenar objetos caros e valiosos: os livros. Assim, durante muito tempo a biblioteca foi considerada aquilo que seu próprio nome indica etimologicamente²: um depósito de livros, sendo mais conhecida como um lugar onde se esconde o livro do que o lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo. Por isso, assumia um caráter privado, estando ao alcance apenas de um grupo privilegiado da sociedade.

Morais (2009), afirma que, ao longo dos tempos, a biblioteca acompanhou a evolução social e passou a gozar do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, deixando, dessa forma, de ser um espaço particular destinado a resguardar o “conhecimento”, para se transformar em um espaço de socialização e de transmissão do conhecimento. Assim a biblioteca ganha um novo caráter, mais aberta ao público, não sendo vista apenas como um espaço para consultas individuais, se tornando um ambiente ao qual as pessoas se dirigem para estudar, ler e escrever. Isso significa que o conceito de biblioteca vem se transformando e se ajustando ao longo da história.

Para Fonseca (1992), nesse novo conceito, a biblioteca é vista mais como uma assembleia de usuários da informação do que como uma coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados. Elas passam a ter o seu foco voltado para as pessoas, no uso que elas fazem

2 A origem da palavra biblioteca vem dos termos gregos *biblion* (livro) e *theka* (caixa), significando o móvel ou lugar onde se guardam livros.

da informação, oferecendo meios para que essa informação circule da forma mais dinâmica possível. E, com a disseminação da escolarização na maior parte do mundo, as escolas tornam-se locais mais privilegiados para abrigar uma biblioteca.

Assim, em se tratando de uma biblioteca escolar, algumas questões têm surgido no campo acadêmico: Quais seriam as especificidades da biblioteca escolar? Que lugar ela tem ocupado nas escolas? Quais funções e qual identidade ela assume nesse espaço? Qual o seu papel na promoção da leitura e na formação de leitores? Que tipos de práticas são e podem ser realizadas nesse espaço?

Tendo em vista essas e outras questões, muitos autores têm insistido na necessidade de a biblioteca escolar contribuir mais intensamente para formar leitores, fomentar práticas de leitura, tornando-se um organismo vivo, ativo e participativo dentro da escola. Especialistas defendem que é preciso que a biblioteca escolar seja assumida como uma agência de letramento, possibilitando que as pessoas se apropriem do conhecimento e façam usos efetivos da leitura e da escrita em suas vidas (Yunes, 2009; Silva, 2005; Carvalho, 2002). Sendo assim, a biblioteca escolar teria a função de propiciar práticas que fomentem o gosto pela leitura, além de interagir com as práticas pedagógicas dos professores e a proposta curricular das escolas.

Dentre as várias práticas de leitura e escrita possíveis de serem realizadas, valorizadas e estimuladas por meio da biblioteca escolar, merecem destaque aquelas que se referem especificamente aos textos literários. O letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Paulino ressalta que “o texto literário, além de acumular esteticamente muitos outros textos, revela e questiona também convenções, normas e valores sociais” (2005, p. 60). Como enfatiza Corrêa (2017), a leitura literária é uma forma de se trabalhar a literatura “por meio do envolvimento emocional e cognitivo do aluno com a história” e agindo assim o professor proporciona a chamada “experiência estética”. De acordo com o autor, a experiência estética está presente nas “atividades que promovem um contato e um envolvimento do sujeito-leitor com a obra artística, de maneira que ele a aprecie como objeto artístico em sua plenitude” (Corrêa, 2017, p. 58). Em linhas gerais, a “leitura literária é aquela que se faz quando o leitor estabelece com o texto literário o chamado pacto ficcional”. Na concepção de Paulino (2006), a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui:

[...] predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções.”³

Ou seja, a biblioteca pode se constituir como espaço fundamental para o letramento literário dos estudantes⁴. Para Paulino (2010), o letramento literário não é apenas uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, visto que exige uma atualização constante do leitor em relação ao mundo literário. O letramento literário pode ser pensado como sendo o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler um texto, mas dele se apodera deixando a condição de simples expectador para a condição de leitor literário. Isso significa que o processo de letramento literário deve envolver aspectos que conciliem os diversos textos literários circundantes nas esferas sociais, e ainda é pre-

3 Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>. Acesso em 18/08/2017.

4 A expressão letramento literário foi usado pela primeira vez no Brasil em 1999 por Graça Paulino, durante um encontro da Associação Nacional de Pesquisa (ANPEd).

ciso “compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2006, p. 40-41). Por isso, o letramento literário precisa da escola ou de outra agência de letramento bastante eficiente para que possa se concretizar, dado que ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue efetivar sozinha.

Mas os autores recomendam que esse processo de escolarização da literatura não ocorra de maneira inadequada, o que acontece principalmente quando a escola utiliza um texto literário deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em mero subterfúgio pedagógico. Como afirma Soares (2001), a escolarização da literatura é inevitável, mesmo porque é impossível não fazê-la na escola, que “se constitui pela didatização e pedagogização de conhecimentos e práticas culturais” (Soares, 2001, p.47). Portanto, o impasse gira em torno de como fazer, quando fazer e onde fazer a escolarização da literatura de modo a não “desconfigurá-la, descaracterizá-la, deturpá-la,” afastando, assim, o leitor do livro (Soares, 2002). E isso, segundo Silva (2009), “[...] exigirá um professor mediador que conheça os meandros para se formar leitor e, ao mesmo tempo, não ignore de modo geral o conceito de texto artístico, a especificidade do texto literário, a função da literatura.” (Silva, 2009, p. 172). De acordo com XXXXX, mediadores de leitura são “sujeitos que leem, discutem, promovem e facilitam o diálogo entre texto e leitor” (2009, p. 19). E sendo a leitura e sua mediação um processo cultural, não se pode “ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para a expressão genuína da criança e do jovem.” (Carvalho, 2002, p. 23). Por isso, segundo Silva e Scorsi (2009, p. 6), a “biblioteca deve ser um espaço de diálogo, liberdade, descoberta, e não um lugar de acumulação e ordenação de livros”.

Como sabemos, a biblioteca escolar é para a maior parte das crianças brasileiras o primeiro e talvez o único contato com o livro. Como lembra Silva (2005), as bibliotecas escolares sofrem com problemas como desvalorização social da leitura, a escassez de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento desses espaços, a falta de infraestrutura, precariedade dos acervos, falta de bibliotecários ou de preparação adequada dos profissionais. Se pensarmos em todos esses aspectos, chegaremos à conclusão de que muito ainda necessita ser feito uma vez que a biblioteca escolar ainda é desprezada e esquecida, sendo, em poucos casos, objeto de investimento econômico e pedagógico.

Método

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas da Rede Municipal de Educação da cidade Ouro Preto-MG. O município de Ouro Preto situa-se aproximadamente a 98km de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, com uma população estimada em 2016 em 74.036 habitantes. A cidade foi o primeiro sítio brasileiro considerado Patrimônio Mundial da UNESCO, título que recebeu em 1980. Ela se tornou conhecida como um “museu a céu aberto”, preservando um grande núcleo de casario colonial, essencialmente intacto, prestigiado em todo o Brasil e internacionalmente.

De acordo com o Plano Municipal de Educação de Ouro Preto - PME (2015), o município possui cinquenta e uma instituições escolares, sendo dezesseis creches, cinco escolas municipais de Educação Infantil e trinta escolas que atendem ao ensino fundamental. Dessas trinta escolas que acolhem o ensino fundamental, treze possuem bibliotecas em funcionamento.

Para a realização da pesquisa foram escolhidas duas escolas do município que possuíam biblioteca minimamente organizadas e apresentavam em 2015 Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) semelhantes nos anos iniciais do ensino fundamental: 7,23 (escola A) e 7,0 (escola B). As escolas selecionadas atendem em dois turnos a turmas do ensino fundamental (1º ao 5º ano)

e de educação infantil. A escola “A” atende a cerca de 120 alunos e a escola B cerca 360 alunos. Os alunos dessas escolas são filhos de trabalhadores operários, domésticas, pequenos comerciantes locais, funcionários públicos e autônomos. A maior parte dos alunos inicia sua escolarização na educação infantil dessas escolas e permanece até concluir o 5º ano.

Para a coleta de dados foram utilizadas as entrevista semiestruturadas, análise documental, observações pontuais do ambiente escolar e registros fotográficos. Para esse artigo analisam-se especialmente os dados referentes às entrevistas semiestruturadas realizadas com oito professoras das duas escolas, conforme o quadro 1.

Quadro 1- Professoras participantes da pesquisa

PROFESSORAS	ATUAÇÃO DA PROFESSORA	ESCOLA
A1	Professora regente: 1º Ano	A
A2	Professora regente: 2º Ano	A
A3	Professor bibliotecária	A
B1	Professora regente: 1º Ano	B
B2	Professora regente: 1º Ano	B
B3	Professor bibliotecária	B
B4	Professora regente: 2º Ano	B
B5	Professora regente: 2º Ano	B

Fonte: Elaborado pelos autores.

Letramento literário e bibliotecas escolares: por dentro das bibliotecas escolares.

De que modo as bibliotecas das escolas investigadas contribuem com o letramento literário dos estudantes?

Para responder a essa questão é preciso antes entender as condições objetivas de funcionamento das bibliotecas escolares investigadas em termos de espaço físico, infraestrutura, acervos bibliográficos, organização, mão de obra qualificada disponível e valorização desse espaço pela comunidade escolar. Essas condições funcionam como uma espécie de cenário que delimita o que é possível ser realizado pelas bibliotecas e pelos sujeitos com elas envolvidos em termos de formação de leitores literários.

Assim, conforme os dados analisados, foi possível identificar que na cidade de Ouro Preto não uma política de bibliotecas ou de leitura, orientada ou direcionada pela Secretaria de Educação, que estabeleça diretrizes gerais para a construção, funcionamento e organização das bibliotecas escolares. Como vimos, do total de trinta escolas que atendem ao ensino fundamental, apenas 13 possuíam bibliotecas. Desse modo, são as próprias escolas as responsáveis por tudo que envolve a criação e funcionamento de suas bibliotecas.

Dado que as duas escolas investigadas não dispunham de instalações físicas construídas e planejadas especificamente para abrigar as suas bibliotecas, foi preciso realizar adaptações no espaço físico disponível para que as bibliotecas pudessem ser implementadas. Para se ter uma ideia das dificuldades enfrentadas, a biblioteca da escola “A” dividia o seu ambiente com uma sala de informática e o local também funcionava como um espaço para os professores realizarem o lanche no horário do recreio; já na escola “B” o ambiente da biblioteca foi adaptado para ser dividido com uma “Sala de Apoio” que realizava atividades especificamente voltadas aos alunos com deficiência.

As bibliotecas das duas escolas também não contavam com profissionais bibliotecárias. Para lidar com esse problema, duas docentes que se encontravam em readaptação funcional devido a problemas de adoecimento, foram alocadas nesses espaços. No caso da escola “A” essa professora exercia simultaneamente a função de “bibliotecária” e de “professora de projetos de literatura”. Já na escola “B”, a docente acumulava a função de “bibliotecária” com a função de “professora de reforço”, estratégias que evidenciam que no município a função de bibliotecária escolar ainda era vista como uma função que não exige formação específica.

Contudo, em que pesem os limites impostos por essas adversidades, as duas bibliotecas contavam com um acervo razoável de livros de literatura infantil, livros para consulta e pesquisa dos professores, livros didáticos para empréstimo aos alunos e consulta dos professores, além de jogos pedagógicos, DVDs educacionais, televisão e Datashow. Ademais, foi possível constatar que as professoras regentes e as professoras bibliotecárias valorizavam bastante o papel e a importância da biblioteca na educação das crianças e reconheciam o papel importante desempenhado pelas professoras bibliotecárias na educação das crianças e em suas formações como leitoras. Para as professoras, a partir do momento em que as professoras bibliotecárias selecionavam, indicavam e incentivavam os alunos quanto à leitura; e, mesmo dentro de suas possibilidades, procuravam articular o trabalho desenvolvido em sala de aula pelas professoras regentes ao trabalho desenvolvido na biblioteca, elas acabavam fazendo com que a biblioteca contribuísse com o letramento literário dos estudantes.

Como passaremos a discutir, são duas as principais formas de as bibliotecas das escolas investigadas contribuírem com o letramento literário dos estudantes: a realização de práticas de letramento literário nas bibliotecas e a realização de atividades culturais e lúdicas nas bibliotecas. Em cada escola essas atividades tendiam a ocorrer de uma forma bastante peculiar.

Práticas de letramento literário nas bibliotecas escolares

Embora as escolas possuam bibliotecas com uma infraestrutura razoável e com funcionamento regular, é perceptível a falta de uma identidade própria desses espaços como um ambiente pedagógico no ambiente escolar. Mas, em que pesem os problemas que afetam o bom funcionamento das bibliotecas, elas não deixam de cumprir um papel pedagógico importante no interior das duas escolas investigadas. Suas condições objetivas de funcionamento configuram, assim, o cenário real e possível no qual as professoras regentes e bibliotecárias desenvolvem grande parte de suas práticas de letramento e letramento literário com as crianças.

Mas qual seria o lugar pedagógico ocupado pelas bibliotecas nas escolas? Que tipo de práticas de letramento literário eram desenvolvidas nas bibliotecas das duas escolas? Por quais profissionais, professoras regentes ou bibliotecárias? Havia articulação entre o trabalho dessas profissionais?

Conforme pudemos constatar, nas duas escolas investigadas as bibliotecas, mesmo com as devidas limitações, funcionam como espaços destinados à realização de atividades de letramento literário e de estímulo à leitura. Em ambas as escolas o principal momento de desenvolvimento das práticas de letramento literário na biblioteca eram as aulas específicas nelas desenvolvidas. Na escola “A”, isso ocorria uma vez por semana e as aulas eram dadas pelas próprias professoras regentes de sala. Já na escola “B” essas aulas, chamadas “projeto de literatura”, ficavam a cargo da professora bibliotecária, sendo ministradas a cada quinze dias.

A professora A3, professora bibliotecária, utiliza o espaço da biblioteca para exercer várias outras funções: reforço, empréstimo de livros, etc. Essa docente não realiza atividades que são voltadas para

o letramento literário na biblioteca, pois isso fica a cargo das professoras regentes. Podemos dizer que existem vários fatores que contribuem para que isso ocorra e um deles é o excesso de tarefas que essa professora exerce na escola. Podemos dizer também que não existe uma articulação do trabalho que ela realiza na biblioteca com o trabalho que as regentes realizam em sala de aula. Isso fica evidente quando a professora A1 diz:

Então, ela é eventual da tarde, ela faz tudo, ela dá a recuperação (reforço), ela faz as atividades de recuperação, ela faz eventualidades, quando o professor falta ela é quem vai para sala de aula, aplica prova e, o trabalho dela, ela não dá conta de dar aula de biblioteca, não dá (Professora A1).

É curioso que a professora A3 não se considera professora bibliotecária. Como ela sempre diz: “Eu fico aqui na biblioteca”, demonstrando que a biblioteca é o lugar que ela fica na escola e não o lugar no qual exerce uma função educativa específica na escola. Conforme constatamos ela cumpre tarefas próprias da função de bibliotecário como emprestar livros, organizar as prateleiras, receber e catalogar livros. Contudo, a situação de readaptação parece fazer com que ela não se sinta de fato responsável por essa função. Sabemos que no contexto das instituições escolares têm sido comum os casos de professores readaptados que vivem dúvidas, angústias, frustrações e reclamações sobre as suas condições dentro das escolas e esse parece ser o caso da professora bibliotecária A3.

[...] assim é complicado ser professor. Hoje estou aqui na biblioteca, mas tem dia que nem sei o que vou fazer. Se vou ficar organizando os livros, ou se vou atender os alunos de reforço. Assim, os alunos de reforço é só quando os professores solicitam e os pais aceitam trazê-los em horários de contra turno. Ou seja, complica, porque tem pais que não trazem. Ou se vou para sala de aula cobrir alguém que faltou, aplicar prova, tirar xerox, essas coisas do dia a dia da escola. E ainda tem colegas de trabalho que acham que não faço nada.

Como se vê, de acordo com o relato da docente, é possível afirmar que algumas readaptações podem provocar problemas em relação à identidade docente dessas profissionais. Além disso, esses professores ficam sujeitos ao preconceito já enraizado na cultura escolar de que aquele professor que não está em sala de aula “não faz nada”.

Já na escola “B” as aulas eram realizadas pela própria professora bibliotecária que, além das aulas, realiza projetos de literatura nesse espaço. Conforme pudemos identificar, ao contrário do que ocorria com a professora bibliotecária A3, a readaptação para a professora bibliotecária B3 é vivida como algo bastante positivo.

Se todas as escolas tivessem esse tipo de trabalho (referindo-se ao próprio trabalho na biblioteca), acho que já ajudaria muito a enriquecer a leitura; eles iam estar melhorando muito. Tem dois anos e meio que eu estou aqui. Eu percebo que muitas crianças eram tímidas e depois que eu fui trabalhando com elas, elas foram crescendo na comunicação. Então, a biblioteca ajuda em tudo. Muitas vezes, os meninos chegam na escola e me perguntam: professora, vai ter aula hoje? E os pequenininhos perguntam “a senhora vai contar história para mim?”. Graças a Deus, a clientela gosta muito. (risos e emocionada). Me encontrei neste lugar. (PROFESSORA BIBLIOTECÁRIA B3)

Readaptada devido as suas limitações de saúde, a professora B3 passa a ser responsável pela biblioteca escolar. Contudo, diferentemente do que ocorreu com a professora A3, ela não compartilha essa nova função com uma série de outras atividades. Como nos disse a professora, ela “encontrou o seu lugar” na escola. A professora B3 é responsável pela organização do espaço da biblioteca, pelo empréstimo

dos livros e pela catalogação do material. Além disso, promove aulas de literatura na biblioteca por meio da contação de histórias, dramatizações, leituras de poesia, exibição de filmes, etc. A professora bibliotecária promove aulas com as turmas da escola a cada quinze dias. Nessa escola as professoras regentes não participam das aulas na biblioteca, ficando a cargo da professora bibliotecária toda a organização e planejamento das atividades, tarefa que é bem avaliada pelas professoras regentes.

Eu acho que é um trabalho legal que a professora B3 faz com eles. Muito bom. Eles já chegam, contam o quê que eles viram lá. Por exemplo, quando ela passa filme pra eles, eles chegam contam pra mim, a gente faz aquele reconto. Já teve momento deles participarem de filminho lá e recontarem pra mim. Ai eu falei. Então gente vamos registrar isso aí? Vamos escrever? Então eu acho que é muito bem feito o trabalho que ela faz com eles. É bem aproveitado. (PROFESSORA B2)

Nota-se que, embora inexista um planejamento conjunto, o que ocorre na biblioteca durante as aulas de literatura não deixa de penetrar o espaço da sala de aula, uma vez que os próprios alunos tendem a relatar para as professoras regentes os acontecimentos e aprendizagens ocorridos durante essas aulas na biblioteca. Os alunos acabam funcionando como uma espécie de *go-between*⁵ entre a professora bibliotecária e a professora regente (Perrenoud, 1994), permitindo que algum nível de comunicação entre os dois espaços educativos possa ser efetivado⁶.

Nas duas escolas, segundo o relato das professoras, as principais atividades realizadas durante as aulas na biblioteca são: leitura de livros de literatura infantil, leitura de gibis, atividades de leitura com jogos pedagógicos, contação de histórias, realização de dramatizações, leitura de poesias, visualização de filmes, audição de músicas, entre outros. Em relação às atividades de leitura desenvolvidas nas bibliotecas, as professoras não mencionaram ter utilizado diferentes suportes textuais, como jornal, revista, receita, placas, bulas de remédio, entre inúmeras outras possibilidades.

Eu escolho um livro, faço a leitura, faço a interação e faço a conversação, a forma de apresentação desse livro é de forma variada. Então, eu uso fantoche, fantasia, música, desenho, eu uso casa de teatro, eu uso o notebook, eu uso o retroprojektor, vejo DVD. Eu uso... todas as ferramentas que eu conheci, que eu vi que dá pra fazer, eu levo lá (biblioteca) e faço alguma coisa com aquela história, avental de história, leio... todos os recurso eu uso. Para tornar o momento da literatura diferenciado. De leitura deleite e fruição. (PROFESSORA A1)

Conforme os relatos que obtivemos das professoras, elas utilizam vários tipos de recursos e atividades para motivar as aulas nas bibliotecas. Percebe-se pelos depoimentos que as crianças gostam de frequentar a biblioteca escolar para realizar atividades envolvendo a leitura literária. Esse dado pôde ser confirmado quando indagamos às professoras sobre os espaços preferidos das crianças para a realização de atividades com leitura literária, sendo a biblioteca apontada unanimemente por todas elas.

Como mostram as pesquisas, a biblioteca precisa ser um espaço interativo para que atraia as crianças (Fragoso, 1994). Os professores podem realizar atividades lúdicas ou relacionadas à sua disciplina de maneira que os alunos associem o ambiente da biblioteca a um lugar que eles gostam de estar, de pertencimento e não como uma unidade isolada da escola. Em relação ao ambiente das bibliotecas das escolas investigadas, as professoras referem-se a esse local como “diferente, colorido, arrumado, atraente, enfeitadinho, atrativo”. Contudo, conforme Brito; Mascarenhas; Mesquita (2011), ele precisa, so-

5 Perrenoud (1994) analisa a forma como as crianças ocupam a função de *go-between*, messageiras e intermediárias entre as famílias e as escolas.

6 Como eremos, embora pontual, será especialmente no desenvolvimento do Projeto de Leitura e Escrita que um trabalho mais articulado entre as professoras regentes e a bibliotecária tende a ser efetivado.

bretudo, ser um lugar dinâmico. Crianças pequenas gostam do ambiente da biblioteca escolar por elas serem enfeitadas e por possuírem objetos, adornos e suportes que são associados ao lúdico, ao brincar, “coisas” que remetem ao universo infantil. E embora, como bem lembra Ninfa Parreiras (2011), a biblioteca não precise ser confundida com um parque de diversões, entendemos que esses adereços e atividades lúdicas servem como suporte para criar um ambiente atraente, enfeitado e convidativo, além de serem um instrumento que pode auxiliar nos momentos de contação de história. Nesse sentido, os adornos e os objetos não descaracterizam a função do livro, servindo como forma de complementar e diversificar as práticas de leitura literária. Desse modo, acreditamos que o que não pode ocorrer é perder o foco principal das ações para a compreensão do texto literário e da leitura literária.

Conforme relatos das docentes, a atividade realizada com maior frequência nas duas bibliotecas foi a contação de história. Esse foi indicado por elas como um dos recursos mais utilizado para incentivar a leitura. Elas consideram como “contação de histórias” a leitura de livros infantis em voz alta, o teatrinho de fantoches e a narração oral de histórias.

[...] A gente senta no chão em roda e eu leio em voz alta, com entonação, coloco voz no texto mesmo, sabe? Eles aprendem com a gente. Vocês vão contar, podem recontar, podem criar em cima da ideia do autor que vocês leram. E depois que vocês fizerem todo desenho da história, vocês vão falar aqui na frente.”. Eu comecei a trabalhar a parte da oralidade, trabalhando a oralidade, a partir do desenho que eles fizeram, da história que eles já tinham lido semana passada. Gente, tinha que ter gravado!! Os meninos com noção de tempo, cenário, personagem, problema, desfecho e arranjo final. Isso é Maravilhoso! (PROFESSORA A1)

No livro “Cordel: leitores e ouvintes”, Galvão (2001) realiza uma discussão interessante sobre a importância da leitura em voz alta, que é comumente realizada nas escolas principalmente com crianças pequenas. Galvão (2001) argumenta que esse tipo de leitura auxilia o professor no processo de alfabetização e que ele traz inúmeros benefícios para o entendimento dos padrões da linguagem, para a estruturação do texto, desenvolvimento de vocabulário e da leitura oral fluente.

E se esse tipo de leitura costuma começar no próprio ambiente familiar, caberá à escola dar sequência a esse processo de mediação da leitura, tão necessário para o aluno. No campo da literatura, evidencia-se a importância de se realizar diferentes tipos de leitura para as crianças. E a escola é responsável por apresentar modos de ler, como se ler, estratégias e práticas de leitura a fim de fomentar o interesse e o gosto por essa prática. Por isso, é importante contar histórias, ler, dramatizar, recontar, ler diferentes versões da mesma história, explorar os livros, explorar os elementos paratextuais dos livros, manuseá-los, ler de diferentes formas, em diferentes lugares, deixar que as crianças também escolham os livros à sua maneira, proporcionar leitura de diferentes gêneros e em diferentes suportes. (Pereira, 2014).

Atividades culturais e lúdicas nas bibliotecas

Um segunda forma identificada de as bibliotecas contribuírem com o letramento literário dos estudantes foi a realização de atividades culturais e lúdicas nas bibliotecas. Falar sobre cultura é pensar em algo abrangente, que envolve toda produção racional humana. E quando se relaciona cultura e educação, pode-se dizer que esses fenômenos estão intrinsecamente ligados. Juntos educação e cultura tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos educandos e dos educadores.

A cultura aliada ao processo educacional permite que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar se sinta participante desse processo. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Durante a pesquisa, verificamos que algumas atividades culturais eram desenvolvidas nas escolas tendo a biblioteca como foco. Na escola “A” era desenvolvido o Projeto Semana na Biblioteca e na escola B o Projeto Leitura e Escrita. Esses dois projetos faziam parte do planejamento anual das duas escolas.

De acordo com o depoimento das professoras, são projetos que desenvolvem atividades culturais que visam o incentivo à literatura, promovem o desenvolvimento da linguagem, o aprendizado dos alunos, aguçam o lado artístico e, também, socializam os produtos culturais com a comunidade escolar: professores, alunos, pais, coordenação pedagógica, funcionários administrativos e famílias. Os projetos literários das duas escolas são discutidos previamente com a comunidade escolar, com o objetivo de definir os seus objetivos, planejamentos, organização e divulgação.

Na escola A o projeto Semana na Biblioteca vem sendo desenvolvido pela escola há dezessete anos e acontece em comemoração ao dia do livro⁷. O projeto tem como objetivo valorizar o espaço da biblioteca escolar, apresentar o acervo às crianças, desenvolver o gosto pela leitura e arrecadar livros, já que todos os envolvidos no projeto doam livros novos para a biblioteca. Ele é organizado e planejado conjuntamente pelos professores, funcionários, pais dos alunos e ex-alunos da escola.

É assim. Cada grupo de professores se organiza e coloca uma forma de apresentar aquele livro, então, aí a gente apresenta, e depois que acaba a apresentação, a gente chama a atenção para o livro, “ó”, esse livro tá esquecido, vocês estão deixando de pegá-lo”, aí é um sucesso!! Os pais dos alunos também são convidados e eles participam conosco. Eles apresentaram até sarau de poesia, conta histórias de quando eram crianças. As crianças amam ver os pais aqui... É diferente, né? Ah, durante aquela semana todo mundo quer pegar aquele livro, porque como fica bem interessante a forma de contar, né? Aí eles se envolvem, a família se envolve. Todos daqui se envolvem... a direção, os pais, ex-alunos, as meninas da cozinha, todo mundo. Esse projeto é organizado e discutido com todos daqui da escola. Temos reuniões para falar sobre ele. E chamamos os pais e até a família de ex-alunos. (PROFESSORA A2)

Por meio dos vários relatos das professoras, notamos que há nessa escola uma relação entre cultura e educação e um olhar atento voltado para a formação do sujeito. Há uma preocupação com a formação do leitor, em especial com a formação do leitor literário. Nesse projeto, foram realizadas várias atividades culturais e lúdico-recreativas como referido em diversos momentos pelas professoras: contação de história, peças teatrais (com alunos e pais), sarau de poesia, exposição de filmes, visita programada em museu, oficinas de confecção de livros e danças⁸. Conforme relatos das docentes, esse evento na escola “A” é valorizado pela comunidade escolar como um verdadeiro evento social e cultural. Sua importância é tamanha que cada evento é registrado em ata, tornando-se um documento “oficial” de registro pedagógico da escola. Um aspecto importante a ser ressaltado em relação ao projeto Semana na Biblioteca é o estímulo à participação da família. Nesta escola há um envolvimento significativo dos familiares dos alunos nos eventos culturais que a escola promove. Segundo relato das professoras, os alunos ficam felizes ao verem seus familiares participando. Isso fica evidente quando, em sua fala, a professora A2 diz que

7 A escola A desenvolve três projetos literários por ano: Semana na Biblioteca (envolvimento de toda a comunidade escolar), Tarde Literária (2º e 3º ano) e Sarau Poético (4º ano e 5º ano). Iremos focar no que é específico da biblioteca.

8 Concidentemente na 17ª Semana da Biblioteca da Escola A, aconteceu na cidade de Ouro Preto um evento na Casa do Pilar- Museu “Semana Nacional dos Museus”, uma atividade que abordava a importância do livro como produto cultural. A escola levou os alunos para participarem do evento que tinha como atividades palestras, filmes e oficinas de confecção de livro com matérias recicláveis.

Os pais dos alunos também são convidados e eles participam conosco. Eles apresentaram até sarau de poesia, contaram histórias de quando eram crianças. As crianças amam ver os pais aqui... É diferente né? Percebe-se nessa fala que há um envolvimento das famílias com o projeto. Isso é positivo para as crianças, pois “eles amam ver os pais na escola (Professora A2)

Como lembra Nogueira (2006) esse incentivo à participação das famílias nas atividades escolares tem sido fortemente estimulado pelas políticas públicas nos últimos anos. Em grande parte, isso se deve a evidências da influência positiva do envolvimento parental na escolaridade dos filhos. Desse modo é salutar que as escolas exerçam seus trabalhos educativos com a participação dos pais, discutindo, informando e orientando os pais sobre os mais variados assuntos. Embora seja relevante, sabemos que essa relação entre família e escola tem sido muitas vezes permeada por conflitos, contradições e mal entendidos (Silva, 2003; Dubet, 1997; Santos, 2001). Desse modo, há de se destacar que por meio do desenvolvimento do “Projeto Semana na Biblioteca”, a escola “A” parece estar conseguindo promover uma relação mais harmoniosa com as famílias.

Já na escola B é realizado o projeto “Leitura e escrita” que, à época da realização da pesquisa, já se encontra no seu terceiro ano de desenvolvimento. O projeto conta com um planejamento anual e também apresenta um grande envolvimento da comunidade escolar: professores, alunos, pais e coordenação pedagógica. Embora o projeto seja construído coletivamente, há que se destacar o protagonismo da professora bibliotecária em sua realização. O Projeto Leitura e Escrita tem como objetivo levar o aluno a tomar gosto pela leitura e produção de textos de diversos tipos e gêneros, adquirir o hábito da leitura e conscientizar os alunos de que ler é importante e fundamental para o desenvolvimento da convivência social, intelectual e apropriação da escrita. Esse projeto utiliza a literatura infantil para trabalhar todos os aspectos envolvendo tipos textuais e gêneros literários.

Esse trabalho eu desenvolvo aqui na escola com as professoras regentes. Mas é só no dia de projeto. Cada mês uma professora apresenta um tema. A gente pegou um texto literário. Trabalhamos com receita, com anúncio e propaganda. E aí, no final, cada turma apresentava um tema. Elas elaboram, discutem e decidem qual tema vão trabalhar. A gente discute vê com cada professora qual que elas vão querer trabalhar para apresentar. A gente vai primeiro, convida os meninos; a gente apresenta o projeto. A gente apresentou convite, o que é convite, como se faz convite... E os outros temas, as professoras tinham que decidir qual iam apresentar e tem o dia para apresentar aquele texto. São trabalhados os gêneros textuais com um cunho literário. Mas não fica só nesse tipo de trabalho, temos a leitura deleite que é aqui comigo. Esse projeto foi mais um incentivo da biblioteca para chamar atenção para cá. Ai sim, funciona em parceria as professoras trabalham comigo os tipos textuais, mas sempre envolvendo um texto literário. Aqui comigo faço contação de histórias, convido escritores da região para vir aqui. Um trabalho muito legal. Vamos marcar agora a semana cultural onde iremos mostrar todos os trabalhos desenvolvidos. É muita coisa, teve até escritor aqui falando com os alunos. E também fazemos as apresentações culturais. (Professora B3)

Como se vê, o projeto é uma forma de chamar a atenção da comunidade para a biblioteca, por meio do desenvolvimento de atividades culturais, contação de histórias, peças teatrais, sarau de poesia, oficinas confecção de histórias em quadrinhos, tapete literário, visita de contadores de histórias (pais e avós) e encontro com escritores locais do município investigado. Por meio dessas atividades culturais, a biblioteca tende a torna-se um lugar prazeroso, dinâmico, descontraído, de maneira que

os alunos se sentem atraídos por ela e tenham a oportunidade de desenvolver cada vez mais o gosto pela leitura. Na escola B, a família também participa das atividades culturais desenvolvidas pelo projeto Leitura e Escrita. Embora, a julgar pelos relatos das professoras, de uma forma mais tímida do que encontramos na escola “A”. Por fim, destaca-se que o Projeto Leitura e Escrita, desenvolvido na biblioteca, tende a ser um momento que propicia e estimula a articulação entre as atividades de letramento literário ocorridas em sala de aula e aquelas desenvolvidas no espaço da biblioteca, conferindo a esse último espaço um lugar de protagonismo no letramento literário das crianças.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o uso das bibliotecas escolares para o letramento literário de alunos de Ensino Fundamental da rede municipal de Ouro Preto. Partimos da hipótese de que a presença da biblioteca na instituição escolar configuraria mais um ambiente potencialmente favorável para a formação do leitor.

O resultado mais relevante dessa pesquisa tenha sido a constatação de uma nova percepção da biblioteca escolar nas duas escolas investigadas. Conforme identificamos, embora de formas diferentes, tanto na escola “A” como na escola “B”, o uso da biblioteca escolar vem tomando novos significados e pois elas vêm deixando de ser pensadas apenas como espaços silenciosos e de guarda de livros. Por isso, mesmo com todas as dificuldades, passaram a agregar novas formas de difusão da cultura e vêm assumindo novos desafios, colaborando com o ensino e sendo um espaço alternativo para o seu desenvolvimento. A partir dos dados coletados, é possível dizer que a concepção de biblioteca vem ganhando novas “dimensões” nas escolas estudadas, com um caráter mais dinâmico, sendo considerada pelas docentes como um ambiente de interação, de movimento, de divulgação de informações, de cultura, de lazer, de entretenimento, de invenção e circulação da informação.

Nesse sentido, essa nova “dimensão” da biblioteca parece estar contribuindo para gerar na escola a ideia de que o ensino e a aprendizagem não acontecem exclusivamente no espaço de sala de aula e de que é possível ensinar e aprender em outros espaços, inclusive na biblioteca da escola. Daí que, mesmo diante de várias limitações, as bibliotecas ainda conseguiram funcionar como espaços destinados à realização de atividades de letramento literário e de estímulo à leitura. Ademais elas ainda promoviam e articulavam importantes projetos culturais e literários que incentivavam a leitura literária, aguçam o lado artístico dos alunos e estabeleciam parcerias entre a escola e as famílias.

Como toda atividade científica, a presente pesquisa também apresenta algumas limitações. Destacamos entre elas o caráter pouco abrangente das análises centrado de um modo bastante específico na realidade de duas escolas na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Nesse sentido, salientamos a necessidade de estudos que permitam uma visão mais global dos usos das bibliotecas para o letramento e letramento literário em ambientes mais amplos como uma cidade, um estado ou país.

Por fim, os resultados desta pesquisa nos remetem a pensar o quão importante se configura o desenvolvimento nas cidades, estado e no país o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas à melhoria da estrutura, organização e funcionamento bibliotecas escolares. Esperamos que este estudo tenham contribuído para evidenciar que é preciso e urgente inserir a biblioteca escolar na pauta das discussões sobre a melhoria do ensino e a formação de leitores no Brasil.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Biblioteca e formação de leitores. *Cadernos de Educação Básica*, São Paulo, v. 4, p. 99-103, 1994
- CARVALHO, M. da C. *Escola, biblioteca e leitura*. In: CAMPELLO, B. S. et al. A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 21-24.
- CORRÊA, Regina Aparecida. *Concepções de alfabetização e letramento: a voz de professoras participantes do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC – no município de Ouro Preto – MG*. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUBET, François. *Écoles, familles: le malentendu*. Paris: Textuel, 1997.
- FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. São Paulo: Pioneira, 1992.
- FRAGOSO, Graça Maria. *Biblioteca e escola: uma atividade interdisciplinar*. Belo Horizonte: Lê, 1994.
- GALVÃO, Ana Maria. *O Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MORAIS, Elaine Maria da Cunha. *Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte*. 2009. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação)
- MOTTA, Diana da. *Biblioteca escolar: orientações básicas para organização e funcionamento*. *Revista do Professor*, Porto Alegre, v. 15, n. 58, p. 21-24, abr./jun. 1999.
- NOGUEIRA, M. A. *Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação*. *Educação e Realidade*, p. 155-170, jul./dez. 2006.
- PAULINO, Maria das Graças. R. *Letramento literário: por vielas e alamedas*. *Revista da Faced/UFBA*, Salvador, n.5, p.56, 2005
- PAULINO, Maria das Graças. *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: FaE/UFMG e Pelotas: EDGUPel, 2010.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: RÖSING, Tânia M. K.; ZILBERNAM, Regina (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- PEREIRA, Fernanda Rohlf. *Práticas de leitura literária na educação infantil: como elas ocorrem em turmas de uma Umei de Belo Horizonte?* Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2014.
- PERRENOUD, P. *O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Tradução de Julia Ferreira. Porto: Porto Editora, 1994.
- SILVA, Lílian da, FERREIRA, Norma e SCORSI, Rosália. *Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar*. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- SILVA, Rovilson J. *Biblioteca escolar: organização e funcionamento*. In: SOUZA, Renata Junqueira (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (p.115-145).
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Raquel B. *A comunicação entre pais e educadores: uma proximidade distante?* Belo Horizonte: PPG/FaE/UFMG, 2001. Dissertação de Mestrado.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). *A escolarização a leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.

Recebido em: 01/02/2024

Aceito em: 01/12/2024